

Apresentação

PRIMEIRO BALANÇO

Na metade do caminho, isto é, ao completar seu terceiro trimestre, a atual diretoria se acha no dever de apresentar um primeiro balanço de suas atividades nesse período.

Ao longo desses dezoito meses, este Instituto promoveu as II Jornadas de Navegações, o Seminário de Anchieta, o ciclo de palestras sobre Vitória e o seminário sobre História e Ficção, num total de trinta e cinco palestras. Foram proferidas ainda outras palestras, entre as quais a do consócio Iryson da Silva sobre Alberto Stange e a do poeta Virgílio López Lemus sobre A moderna narrativa cubana.

Foram editados dois Cadernos de História: Barra do Triunfo, de Luiz Busatto e O Presidente Nu, de João Bonino Moreira.

Editaram-se os números 47, 48 e 49 da Revista do Instituto e os números 05, 06, 07, 08, 09 e 10 do Boletim Informativo, além dos fascículos números 04, 05, 06 e 07/08 (número duplo) da História Panorâmica da Literatura, de Almeida Cousin.

Em 1997, o Instituto concedeu o Prêmio Almeida Cousin, para conjunto de obra, ao escritor Reinaldo Santos Neves, no valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais).

O Instituto colaborou na co-edição de seis obras, que foram distribuídas entre os consócios: Norte do Espírito Santo: Ciclo Madeireiro e Povoamento, de Ivan Borgo, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Renato Pacheco; Leitura e Literatura Infanto-Juvenil, de Francisco Aurélio Ribeiro; O Vale do Itabapoana e a História de São Pedro do Itabapoana e São José do Calçado, de Milton Teixeira Garcia e Maria Lúcia Teixeira Garcia; Cadernos de Pesquisa, da UFES; Escrivão da Frota, de Luiz Guilherme Santos Neves; Cultura e Arquitetura - a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo, de Maria Isabel Perini Muniz.

O Instituto promoveu ainda uma sessão comemorativa do centenário de Pixinguinha, com a execução de suas músicas pelo Regional do Mestre Flores, e outra sessão em homenagem à Imigração Italiana, composta de uma cantatarola, sob a coordenação do consócio Douglas Puppín.

Finalmente, em comemoração ao centenário de nascimento de seu benemérito Almeida Cousin, o Instituto lançou em 15 de dezembro de 1997, a coleção Almeida Cousin composta de vinte e cinco títulos.

Janeiro de 1998

A DIRETORIA

Noticiário

Instituto lança coleção Almeida Cousin

Comemorando o centenário do seu benemérito Almeida Cousin, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo lançou no dia 15 de dezembro de 1997, a coleção Almeida Cousin, composta de 25 títulos de História, Literatura, Folclore e Direito. A coleção lançada no restaurante Massas do Julinho, em Mata da Praia, alcançou notável receptividade, tendo as coleções colocadas à venda, se esgotado em pouco tempo. Agora, o interessado na coleção poderá adquiri-la diretamente na secretaria do Instituto, nas tardes de quartas-feiras, com a Sr^a Tânia Zanotti.

Xerxes assume "Gazeta Mercantil"

O poeta e consócio Xerxes Gusmão Neto, autor de Sangue no Muro, acaba de assumir a direção do jornal "A Gazeta Mercantil", em São Paulo. Ao Xerxes, os votos de sucesso dos seus consócios do Instituto.

Coleção "Almeida Cousin" se torna permanente

A coleção "Almeida Cousin" caminha para se tornar a mais importante coleção da cultura capixaba, tornando-se por decisão da diretoria, permanente. A grande novidade é que os novos títulos serão custeados pelos próprios autores e não mais pelo Fundo Almeida Cousin. Dois autores já se inscreveram para os números 26 e 27: Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves.

Trevo Antiquidades muda para Vitória

Depois de 20 anos, no Trevo de Viana, a Trevo Antiquidades, do consócio Leandro Bongestab, acaba de se transferir para a loja 15, do Ed. Master Place, à Av. Leitão da Silva, nº 80. Ao consócio, votos de sucesso.

Lançamentos de Abril

No mês de abril, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo promoverá o lançamento de algumas obras e o relançamento de outras. Entre os autores figuram o saudoso Guilherme Santos Neves, Maria Helena Teixeira Figueira, Francisco Aurélio Ribeiro, Zoel Fonseca, Berredo de Menezes, Tacy Cabral Zardini e Luiz Guilherme Santos Neves.

Vitória perde Nenel Miranda

Faleceu em 28 de fevereiro, o vereador Nenel Miranda. Nenel, como vereador, fez da conversão de Vitória num cidade mais humana, o apanágio de toda a sua vida pública. Com a sua morte, fica uma lacuna muito difícil de ser preenchida.

Centenários para 1998

O ano de 1998 se anuncia fértil de centenários. No dia 18, em brilhante palestra do presidente de honra, Renato Pacheco, o Instituto comemorou os 100 anos do nascimento de Luiz Serafim Derenzi, historiador e escritor dos mais notáveis. Ao longo do ano, outros centenários serão lembrados, como os de Misael Pena, Cícero Moraes, Ruy Cortes, Washington de Oliveira, Frederico Garcia Lorca, Dámaso Alonso, Raul Bopp, Cruz e Souza, Ribeiro Couto, Eisenstein, Bertold Brecht, Lewis Carrol, Luís Carlos Prestes e os 150 anos do Manifesto Comunista.

Berredo vence o "Helena Kolody"

O poeta Berredo de Menezes, venceu o Helena Kolody, maior prêmio de poesia do Estado do Paraná, com o seu livro Usina do Silêncio. Ao poeta os parabéns do IHGES.

João Ramires: exemplo de amor e fé

A. Isaias Ramires

Por mais de uma vez, fui aconselhado a escrever sobre João Ramires, cidadão que, em Vila Velha, no Espírito Santo, foi um verdadeiro exemplo de amor e fé.

Católico praticante, conforme fez menção a saudosa historiadora, prof^a Maria Stella de Novais, em seu livro "Relicário de um povo", obra que nos foi oferecida pela sua autora, pois com ela mantivemos assídua troca de correspondência durante vários anos.

Um dia (creio que no ano de 1923 ou 24), um fato viria marcar profundamente a vida daquele pacato cidadão: a súbita enfermidade de seu filho Clóvis, rapaz robusto, funcionário da Delegacia Fiscal, em Vitória.

Dizia-se, na época, que Clóvis ficara louco, quando, em verdade, o mal era bem outro.

Numa cidade em que quase toda a população era católica, falar-se de Espiritismo era quase proibitivo.

Não dispondo Vila Velha de um estabelecimento apropriado para acolher tais enfermos, o jeito foi trancafiarem o moço Clóvis num dos cubículos da delegacia de polícia local. E ele ali permaneceu, furioso, durante alguns meses, até que um cidadão desconhecido de meu pai aconselhou-o a que levasse o Clóvis à cidade de Cachoeiro de

Itapemirim, no sul do Estado, onde existia uma instituição espírita que se propunha a tratar de tal enfermidade. À época, chamava-se "Asilo Deus, Cristo e Caridade", dirigido por Jerônimo Ribeiro.

João Ramires, católico fervoroso que era (inclusive, afilhado do Frei João do Amor Divino Costa, que dirigiu o Santuário), sempre relutou em aceitar o convite para que fosse buscar recursos para a cura de seu filho no Espiritismo, considerado, à época, como "coisa do diabo".

Porém, a dor foi aos poucos minando o seu coração de seu pai extremado, decidindo-se, como último recurso para ver seu filho restabelecido, buscar o auxílio do Espiritismo.

Num "misto" da velha Leopoldina (2ª classe), sob camisa de força, o Clóvis foi levado à "Princesa do Sul" espírita-santense.

Lá chegando, em sessão no Asilo, os "espíritos" deram logo o diagnóstico: obsessão. E prognosticaram, também, que o tratamento duraria, no máximo, 30 dias. Dito e feito. Ao término de um mês, meu pai recebeu um telegrama do asilo, no qual lhe comunicava o restabelecimento total do Clóvis.

A mesma pessoa amiga que desinteressadamente se propôs a levá-lo, se ofereceu para trazê-lo de volta à Vila Velha.

Retornando ao lar, o Clóvis estava realmente curado.

Foi aí que meu pai bandeou-se para o Espiritismo, arquivando num velho baú todo um arsenal de apetrechos católicos

(imagens, quadros de santos, rosários, etc.), ocasião em que adquiriu os livros básicos da codificação e obras subsidiárias, leitura que fazia todas as manhãs.

Comprou, também, massudos tratados de homeopatia, bem como pequenos frascos dessa modalidade de medicina (ainda pouco conhecida na cidade), passando a distribuir gratuitamente à pobreza doses desses medicamentos. A única exigência que fazia é que levassem um vidro de cor branca, bem limpo. Esse atendimento era feito a qualquer hora do dia ou da noite, sem qualquer distinção.

E fazia isso sem nenhum auxílio, pois os pequenos frascos de homeopatia eram adquiridos as suas expensas em farmácias e laboratórios desta cidade, servindo-se geralmente dos préstimos de pessoas amigas que para aqui viajavam.

Para muitos, João Ramires fazia "milagres", pois chegou a curar pessoas desenganadas pelos dois únicos médicos da cidade.

Lembramo-nos de que alguns daqueles, beneficiados pela sua homeopatia, ao voltarem à nossa casa para agradecer, meu pai sempre dizia: "Não me agradeçam, que nada fiz. Agradeçam a Deus".

Até os dias derradeiros de sua existência terrena, João Ramires não se desviou de sua meta, propiciando, através da homeopatia, alívio a muita gente em minha terra.

RESENHA SINTÉTICA

João Bonino Moreira

Dos 25 livros da COLEÇÃO ALMEIDA COUSIN, 18 são de poesia e 7 de prosa. Mais afeito a esta última forma de manifestação literária, vou abordar apenas - e muito brevemente - os trabalhos não versificados. Faço somente uma chamada sobre o livrinho "Poemas de cá e de lá", do Antonio Monteiro (pequenas gotas d'oiro, como diriam nossos avós do outro lado do Atlântico), que fez os versos que eu gostaria de ter feito.

Findo o registro sobre rimas, passo em rapidíssima análise os volumezinhos de prosa. A deliciosa "História do Palito", da Yvone Amorim, em que pese ser ela mais poeta do que prosadora, marcou presença pela originalidade do tema. "Lauro Santos, Um Contador de Histórias", do Miguel Depes Tallon, faz bem o meu gênero, o da

galhofa, do deboche, com as estórias do seu hiperbólico herói. Provoca bastante riso a esperteza e a matreirice do caboclo Lauro. Os dois livros de prosa do Roberto Mazzini, "Recordações do Futebol de Vitória" e "Navegantes", vêm confirmar sua fama de excelente escritor. Fluente, estilo direto, elegante e correto, o polivalente Mazzini é - aliás há longo tempo - uma das melhores penas do Estado. Está, é claro e é verdade, a nos dever um romance. Cobremos isso dele! O agrônomo Júlio de Oliveira Pinho, em obra póstuma, nos conta a "História da Pedra Azul". Escritor, historiador, técnico e, sobretudo, um apaixonado pela região, o Júlio nos deu como presente um livrinho de grande utilidade e muito bem construído. "Delito, Semiótica e Análise Transacional", do Henrique

Geaquinto Herkenhoff, encerra o grupo dos trabalhos em prosa. Redigido com objetividade, nota-se logo que o autor - conhecedor do assunto - fez do livro o núcleo de uma futura produção de maior porte, para fins didáticos. Muito útil para estudantes de Direito. E, por último, desejo ressaltar a ausência do Luiz Guilherme Santos Neves na COLEÇÃO ALMEIDA COUSIN, embora ele haja publicado, na mesma data do lançamento e em volume à parte, as crônicas contidas no "Escrivão da Frota". É redundante, com o Mazzini, o Tallon, o R. Pacheco, o Pedro Nunes e o Reynaldo, forma a vanguarda da literatura em nosso Estado.

De parabéns o nosso IGHES pelo êxito alcançado pela COLEÇÃO ALMEIDA COUSIN.

Entendido em Cachaça

O esperto fabricante de cachaça entrou no bar, procurando, como sempre, um bom **papo** com os amigos e sondar as vendas de seu produto. Era do tipo brincalhão e exímio animador de conversas. Encontrou não só alguns amigos, mas também um estranho examinando uma garrafa de cachaça. Na realidade o homem estava dando, aos presentes, uma demonstração de seus conhecimentos sobre aguardente.

Alguém falou:

– Olha, esse que acaba de chegar é o fabricante.

E o estranho (virando a garrafa de boca para baixo e fazendo pequenas bolhas que se deslocaram para a superfície do líquido):

É, esta é da boa! Vejam como faz borbulhas!

E interrogando o recém-chegado:

– Parabéns. Como o senhor consegue isto? Só as cachaças de qualidade fazem pequenas bolhas quando vira-se a garrafa ao contrário!

– É muito simples – respondeu o fabricante - Basta misturar um barril (200 litros) de álcool com outro igual de água e depois adicionar açúcar.

– É mesmo?! E para que é o açúcar?

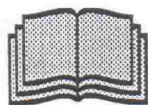
– É para quando "entendidos" em cachaça virarem a garrafa, dizerem: Ah! Esta é da boa!

Érico de Freitas Machado
do IHGES

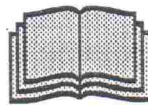
MENINA

Você, é menina para ser
Embrulhada em papel de seda
Por no bolso e levar para casa
Comer carne seca com abóbora
Descansar em travesseiro de pãina,
Colchão Epeda, Cama de jacarandá
Lençol alvinho como dizem
Nossos irmãos Nordestinos
Ar condicionado, ventilador, não
Janela aberta, ventinho-natura
Nós dois com a graça de Deus,
Sonhando!... Sonhando!...

Taneco



Resenha Bibliográfica



Renato Pacheco

Ronchi Netto, Ezequiel - **Bangue bangue do café.** - Vitória, Graphis, 1997

A história de nosso noroeste (Contestado, com Minas Gerais) ainda está por ser escrita. A par os eruditos arazoados jurídicos de Cícero de Moraes e Targino Ribeiro, há alguns títulos de ficção como o clássico *Garrucha 44* de Manoel Lobato e o recente *Cotaxá* de Adilson Vilaça, além de tentativas históricas como o *Massacre em Ecoporanga* de Luzimar Nogueira Dias e o nosso (em co-autoria com Luiz Guilherme Santos Neves) *Ecoporanga da concepção à vida adulta. Resgate da memória de um povo.* Pouco não? Por isto, tudo que recordar daquela região que foi rica, no auge do café, e que foi palco de lutas, no pique na briga fiscal Minas Gerais-Espírito Santo, é de sumo interesse para o futuro historiador.

Ezequiel Ronchi Netto, que foi Promotor de Justiça e político, na região, e hoje goza merecida aposentadoria, como Procurador, nos dá em *Bangue bangue do café*, relatos deliciosos sobre S. Chico (Barra de São Francisco) Mantena (que nós, capixabas chamávamos de Gabriel Emílio) Mantenópolis e Ecoporanga.

O centro de tudo é o café. Além da preciosa rubiácea a briga do Contestado, na região da chamada Serra dos Aimorés. E mais, o drama da erradicação do café (1966) com subsídios importantes sobre corrupção que, na época, campeou. A criminalidade adulta, com os mata-dores de aluguel (senti falta das quadrilhas de ladrões de cavalos) e a incipiente delinquência juvenil. Episódios familiares tristes, garotos que

caem em cisternas, ou são mordidos de cobra. Política-Santa Luzia do Onça, p. 57 e seguintes é o nosso *Vila dos Confins*, de Mário Palmério. Enfim de um tudo, e até felicidade da classe média alta no Clube dos Perobas.

São muitos os cafés: angustiante, guerreiro, infeliz, enganoso, alegre, doce, emocional, brocado, salvação, morto, pensante, engraçado, triste, político, fatal, amargo, forte, chocante, cheio de lágrimas e feliz. Que venham, da pena ágil do Ronchi, com seu linguajar regional pinturesco, sua observação cuidadosa dos pormenores, muitos novos cafés, quentinhos e feitos na hora, que estão sobre seu fogão à lenha, muito à moda de S. Chico, décadas de 50 e 60 que não voltam mais.



A POESIA É

ESTAÇÕES

Aqui, na doce paz deste abandono,
neste meu voluntário isolamento,
contemplo o ocaso de um final de outono
num triste fim de dia sonolento.

Aí vem vindo o inverno nevoento
a enregelar-me e a perturbar meu sono.
Já lhe sinto o rigor, já lhe ouço o vento
a uivar nas frinchas como um cão sem dono.

Farfalham folhas secas pelo chão,
lembrando as minhas ilusões perdidas...
- Sonhos da mocidade que se vão...

Eis que o inverno da vida me abre as portas,
levando, como folhas ressequidas,
uma por uma, as esperanças mortas.

ATHAYR CAGNIN

BORDA

Um beija-flor pousa
Na beira da minha boca
Um beijo se esvai

ROBERTA GIOVANNOTTI

O CAÇADOR DE PASSARINHOS

A semana inteira foi de preparativos.
A escolha do galho da árvore certa para
o gancho,
a compra da borracha e do couro,
a montagem.
Pronto o estilingue,
saiu à caça.

Quando viu um sanhaço num mamoeiro,
pegou uma pedra,
colocou-a no estilingue e fez mira.
Então de início muito lentamente,
e em seguida com uma certa intensidade,
sentiu as mãos tremerem.
Foi aí que, sorrindo,
deixou em paz o sanhaço
e deu por encerrada sua carreira de caçador.

MIGUEL DEPES TALLON
para Jorge Medauar

DOIS HAICAIS

Mas é ou não é
uma criança o velhinho
brincando de ferrinho?

Na calçada
um pequeno bonsai.
Poesia concreta.

DE JOSÉ MÁRIO BERNABÉ

ESPÍRITO SANTO

Você que me acolheu
E me reconheceu
Mais tarde, me protegeu
E me encheu de luz
Me fez prosperar
E me enriqueceu
Na humildade
E na fraternidade
Me fez orgulhoso e feliz
Por aqui viver
Te amo.

ÂNGELO FERNANDES

SUICIDA

No auge de um tédio ele queria morrer
Tentei demovê-lo
Minhas súplicas esbarraram em sua von-
tade expressa
Era uma noite fria
E feia
Sem sina.
Minhas palavras viraram pedras
Quando o sol despertou no horizonte
O homem caído, sem vontade de viver
Jogou-se da Terceira Ponte

WILSON BATISTA MIRANDA

NECESSÁRIA

ÉS AINDA O SENHOR

Volta, portanto, redentor!
Volta a fazer o milagre dos pães
e vem abençoar o regaço das mães
e mostrar aos seus filhos que és
ainda o Senhor!

ANTENOR DE CARVALHO

VERSOS A UM COVEIRO

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal, é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismo
Da Mortel E eu vejo, em fúlgidos letrados,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábitos carneiros se pulcrais

Tibias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!

AUGUSTO DOS ANJOS

ÁGUAS DE CHUVA

A calha, barulhenta
e imunda
do telhado vizinho,
despeja uma água lamacentada
que desce vadia
rua abaixo,
arrancando paralelepípedos
e entupindo bueiros.

sujando a noite
que não sonhei.

MATUSALÉM DIAS DE MOURA

UM BARBADO NO PINHAL

Pula sobre a ramaria
Com tanta leveza de ave,
deslizando como nave
asa livre fantasia.

Sendo o homem Deus e Demo
Consciente, Bem e Mal
aberração no extremo
de outro qualquer animal;
parafusado no chão
mas alado em pensamento
me pergunto angustiado
se não seria melhor
retornar à condição
desse velho antepassado.

ANTONIO MONTEIRO
Pedra Azul 14/03/98

DEUS

Por onde caminhar?
A multidão me espanta
São tantos os maus
Por onde irei?
Qual o caminho?
Por piedade,
- Diga-me, Senhor...

TANECO

PARTIDA

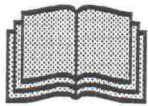
Tempos idos,
dançam amores perdidos,
iludidos,
cova rasa
sob a sombra de um adeus.

HERALDO BRASIL

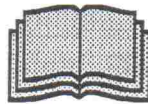
TEMPO

Hoje,
conto o tempo, as horas,
medito, penso, por que isto
acontece?
Continuo a espera quanto
tempo falta?
Alguma cousa virá para o
amanhã...

TANECO



Resenha Bibliográfica

**Renato Pacheco**

Broeto, Pe. Frei César João - Memórias - Vitória, Sodré, 1997

Aos 74 anos de idade, o Padre e Frei Capuchinho César João Broetto, nascido João Broetto, e conhecido de seus familiares como Nini, achou que era tempo de publicar suas **Memórias**, interessantes lembranças, que abrem um leque de oportunidades de estudo sobre a vida rural espírito santense, na década de 20, assim como sobre as atividades de um seguidor de São Francisco, em diversas localidades do Brasil.

O livro de quase 400 páginas, ilustrado com muitas fotos da época, é prefaciado por nosso consócio, o ilustre Desembargador ao Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Dr. Luiz Carlos Biassutti, teresense como o memorialista.

Broetto nasceu no Córrego São José (Vale Tonini), nas encostas do Vale do Canaã e é fruto da terceira geração de italo-capixabas. Em "Bucolismo do Vale", parte de maior interesse para os estudiosos locais, o Frade descreve fatos interessantíssimos da vida familiar dos Tamelin, Melotti, Casteluber, Margon, Tonini, em sua pequena comunidade de 14 famílias, com referência também aos vizinhos Ferrari, Pretti Andreata,

Broseghini, Mantovani, Bersani, Tamognoni, Maestrini, Chisté, Zanotelli, Fracalossi, Zanoni, Bronzon, Rosa e Casotti. Depois, veio o ingresso no Seminário Seráfico "S. Francisco de Assis" de Santa Teresa, ali vivendo de 1935 a 1942, de 1950 a 1960 e em 1985, uma longa vida de obediência à regra dos Capuchinhos com passagens por Taubaté (Noviciado), São Paulo (Serviço Militar) Mococa (votos perpétuos) e no exercício de sua missão como sacerdote e professor em Itambacuri, S. Fidelis e Mantena, em Minas Gerais e no Rio, como Vice-Provincial e Ministro Provincial, uma bela e proveitosa vida.

É interessante observar que os pais do memorialista, com o apoio do comerciante Paulo Bonino (avô de nosso consócio tesoureiro, João Bonino Moreira) mudaram-se do Vale das Tabocas, comprando a antiga propriedade dos Casteluber, no São José. O. A. lamenta a destruição dos antigos imóveis lá existentes: 2 residências, máquinas de pilar café, moenda, tulha (paiol) assim como das matas. Relembra os animais então existentes, mamíferos, aves e répteis, principalmente. Recorda que o pai foi mordido duas vezes por cobra surucucu, e a genitora por uma pregui-

çosa.

Assuntos de alto interesse para futuros pesquisadores, como o curandeirismo na roça (benzedores, cura de berrugas e de icterícia), os apelidos, influência do catolicismo familiar, folclore musical, festas do Padroeiro, esportes e lazer, como o célebre "andare a spazzo", isto é ir a passeio, lutas do quotidiano, tragédias, vida e morte são descritos com minúcias, num documento vivo e de amor, além de informações sobre o dialeto paduano.

Interessante, e creio que pela vez primeira citado na literatura, o costume do "juro ao inverso" em que o depositante, produtor rural, pagava para ter seu dinheiro guardado pelo comerciante urbano, ocorrência que também verificamos em Santa Leopoldina/ES, e que é, segundo consta, prática corrente em alguns bancos europeus.

Com tristeza o A. conta que hoje a "propriedade está transformada em imensa pastaria de capim "meloso" (p. 17) e o vale é habitado apenas por 7 famílias (p. 81).

As **Mémórias** que ora resenhamos são um documento valioso para a história do Espírito Santo.



Garcia, Milton Teixeira e Garcia, Maria Lúcia Teixeira

O Vale do Itabapoana e a história de S. Pedro de Itabapana e S. José do Calçado

A colonização do sul do Estado do Espírito Santo, que tem grandes estudiosos, como Antonio Marins, Waldemar Mendes de Andrade, Manoel Pedro Ferraz, Nara Saletto, parece tinha deixado à margem o extremo sul, às margens do rio Itabapoana, onde fazemos divisa com o Rio de Janeiro. Cachoeiro e Alegre têm sido privilegiados, em nossa historiografia, até porque são os municípios que mais se destacaram na região.

Agora temos o resgate de parte desta história, com um livro de pai e filha, nosso consócio Milton Teixeira Garcia e sua filha Maria Lúcia Teixeira, o qual editado pela Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, contou com o apoio de nosso Instituto.

Em sua introdução é descrita a metodologia usada, através da pesquisa documental e bibliográfica e entrevistas, que seguiram toda técnica recomendada. Há mapas, fotos antigas e raras, repro-

duções de páginas de jornais editadas. O A. relembra, e relembramos nós uma visita feita em agosto de 1980, na companhia do saudoso Desembargador Homero Mafra, em que o primeiro autor pode fazer "abstração do tempo lógico, com recuo de meio século no relógio da vida".

O prefácio é assinado pelo Professor Miguel Depes Tallon, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, com a autoridade que todos lhe reconhecemos, exalta a obra, principalmente no que concerne ao resgate da história da antiga cidade de São Pedro do Itabapoana, hoje vila do município de Mimoso do Sul, concluindo que a obra "**já nasce clássica para a historiografia capixaba**". (nosso é o grifo).

No primeiro capítulo é estudado o refluxo das bandeiras e dão-se as linhas gerais de ocupação do vale do Itabapoana. O Capítulo II se dedica ao exame mais aprofundado da história das duas maiores cidades do vale, uma como dissemos trans-

formada, **manu militare**, em vila, depois da revolução de 30, e a outra florescente e grande centro cultural, mercê da atividade constante de seus filhos, entre os quais desejamos lembrar a sempre elogiada Professora Mercês Garcia Vieira, irmã do 1º autor e tia do 2º, uma lenda na educação espírito santense.

Um dos pontos altos do livro é a análise da monocultura cafeeira e do coronelismo corrupto, seguindo o exemplo que, entre nós, vem dos primeiros dirigentes lusitanos. Ou como dizia um coronel: "Quem rouba não vai para frente, mas também não fica atrás; chega emparelhado" (p.104).

Parabéns à EDUFES pela série de livros importantes que vai lançando ao mercado, livros que, por sua destinação regional, não encontrariam distribuidores nacionais, não fora a benemérita atividade editorial que a Universidade vem empreendendo.



Vitral, Waldir - Vitrais, Vitória, edição do A., 1997

"O livro não será vendido. Foi custeado pelo autor. Encareço ao estimado destinatário depositar, se possível, no mínimo (10) reais na conta nº 1826296 - Agência 104 - Banestes Central ou qualquer Agência Banestes, em nome da Sociedade Assistência à Velhice Desamparada. Os beneficiários agradecem". Esta curiosa e humanitária felipeta se encontra à frente do belo livro de memórias e reflexões **Vitrais** que nosso consócio Waldir Vitral vem editar.

Ali é relatada uma trajetória que se inicia em 24 de junho de 1925, tem

seu último registro em 17 de setembro de 1997, e que, por certo, para gáudio de seus amigos, vai prosseguir por muitos e muitos anos.

O livro é dividido em títulos: O homem; Promotor de Justiça; Magistrado; Professor e Datas e fatos. Só pela leitura dos títulos temos uma visão de uma carreira retilínea que foi a do A.

A meu pensar, o ponto alto da obra é a transcrição do discurso que o autor fez, em 4 de setembro de 1986, quando, na Academia Espírito Santense de Letras tomava posse, sucedendo ao saudoso Desembargador Homero Mafra. Os sub-

sídios que dá sobre a figura ímpar de Mafra servirão, por certo, aos futuros biógrafos, quando tivermos um banco de dados computadorizado com o relato das vidas de quem foi alguém em nossa terra de tão fraca memória.

Nossa crônica falta de livros com relatos pessoais, importantes para a compreensão da evolução social, vai aos poucos sendo suprida com o aparecimento de livros de importância como **Vitrais** de nosso consócio Waldir Vitral.



Mafra, Homero Junger - Havana, Guia Turístico, Vitória, 1997

Resenhar um guia turístico? Sim. Resenhar um guia turístico **sui-generis**, pois mais que um relato seco de informações, é uma obra literária de amor.

O livro é apresentado pelo Sr. Jorge A. Ferreira Diaz, conselheiro da Embaixada de Cuba no Brasil, tem prefácio do Dr. Vitor Buaiz (também um amante de La Habana) e pós-fácio do economista Pedro Prestes.

Depois de uma introdução explicativa, o A. nos dá uma síntese histórica e informações gerais, com excelentes fotos de sua lavra.

No livro, o A. inclui a bela crônica "Postal" (p. 48) firmada por seu irmão Bruno Junger Mafra, como o pai, uma vocação artística, perdida em meio às li-

des agrônômicas.

Uma informação curiosa, herdada da sistemática consular da antiga União Soviética, é o uso de tarjeta amarela, em vez de visto no passaporte, para evitar dificuldades futuras com os Estados Unidos. Aliás é um ponto que o livro, que se abstrai de qualquer consideração de ordem política, não versa, mas que todas as reuniões de cúpula latino-americanas têm condenado: o embargo dos Estados Unidos aos cubanos. Os analistas divergem quanto aos motivos de manutenção de determinação tão contra a paz entre as nações: alguns acham que é fruto da pressão dos milionários cubanos em Miami, exilados da ilha do Caribe, e ativos na Rádio e Televisão José Martí; outros falam de quão insupor-

tável é um país de economia socialista ao lado do gigante da livre empresa. Mas não estão os Estados Unidos convivendo com a China, seu grande rival no próximo século? Cuba não abriu sua economia? A guerra fria já não terminou? Nós, do Brasil, dentro dos princípios que norteiam nossa política externa devemos sempre lutar para que os embargos norte-americanos a Cuba sejam tornados sem efeito, os tempos mudaram.

Fechado este parêntese, fica a averiguação final: um livro indispensável a todo brasileiro que deseja visitar Havana, oriundo de uma amor à primeira vista do A., cidade onde, como para Hemingway, Homero Junger Mafra também se sente em casa.

Medeiros, Rogério - Espírito Santo, encontro das raças, Vitória, Dom Quixote, 1997

O Consócio Rogério Medeiros, curador de nosso Centro da Memória, pública, no final de 1997, seu terceiro e igualmente importante livro. **Espírito Santo, maldição ecológica**, um clássico de nossa ecologia e luta contra o desmatamento, é de 1983. **Ruschi, o Agitador ecológico** saiu em 1995. Deixando de lado (em certo sentido) as preocupações com a ecologia, o A. nos dá agora um painel extraordinário da formação histórica do povo espírito santense. Seu estudo, e, em alguns casos pela primeira vez, abrange pomeranos, poloneses, italianos, alemães, tirolezes, suíços, holandeses, índios, negros e portugueses, concluindo com uma tentativa de levantar o biótico capixaba.

A obra em formato de álbum, com 221 páginas, encerra-se com pequena mas selecionada bibliografia, e é enriquecida com fotos excelentes (a maioria do próprio A., mas algumas históricas), cujo valor se acentua quando registra seres humanos no trabalho.

O episódio do soldado Mozol, iné-

dito, passa a ser uma fonte primária indispensável a futuros pesquisadores, como, de resto, inúmeras outras informações de primeira mão contidas no livro.

Não se trata, é óbvio, de um texto acadêmico, nem o A. quis fazê-lo assim. É trabalho jornalístico, do grande jornalista que tem sido sempre Rogério Medeiros, inclusive na apresentação gráfica, com chamadas especiais.

Peço vênia para fazer apenas dois reparos: a revisão do texto deixou muito a desejar, que me perdoe o Sr. José Neves de Oliveira, que não conheço e cujo trabalho respeito.

O segundo reparo diz respeito à legenda da foto da página 68: "Em cada núcleo de colonização italiana formaram-se tropas fardadas contra o socialismo e o comunismo, envolvendo até crianças no movimento". E a foto nos mostra apenas alunos e professores de uma escola teresense, creio que do Colégio Italo-Brasileiro, (Vitinho Biasutti poderá informar melhor), com seus professores Padres Capuchinhos, sem qualquer conotação política. Talvez o engano

tenha defluído da real simpatia dos habitantes de Santa Teresa, de origem italiana pelo Sigma de Plínio Salgado, como está atestado, às páginas 367 do recente livro de **Memórias** de Frei César Broetto. Creio que ambos os defeitos podem ser, facilmente corrigidos, numa segunda edição que esperamos para breve.

O A. conclui com uma certeza, que ainda não é a nossa: "No fundo, essa Europa que se fecundou em nosso solo - criando um povo de cor clara para jambo e de cabelos castanhos para alourados - originou mesmo foi o capixaba. A falta de convicção dos historiadores, entretanto, não chega ao ponto de negar que, em termos de composição do biótipo capixaba, a sua base está, realmente, nesses europeus. Ao se mudarem para o Espírito Santo há mais de 140 anos, eles fizeram mais do que contribuir para a expansão das fronteiras agrícolas ou para a introdução de novas tradições culturais. Eles fizeram o capixaba". Os anjos digam amém.



CORREIO do leitor

Da Sociedade de Cultura Latina do Brasil, recebemos uma cópia de uma bela correspondência, que fala da grande homenagem ao professor, escritor, poeta e responsável pela Coluna **Literatura e Arte**, do CORREIO POPULAR, Humberto Del Maestro outorgando-lhe merecidamente o título do Poeta do Ano de 1997.

Ao cumprimentarmos o companheiro Humberto Del Maestro, publicamos a carta que nos foi endereçada pela Sociedade de Cultura Latina do Brasil, como segue.

Sociedade de Cultura Latina do Brasil

PRESIDENTE MARIA APARECIDA DE MELLO CALANDRA

1º Registro Civil das Pessoas Jurídicas dem Mogi das Cruzes nº 686.

C.G.C.: 01.208.554/0001-41

Ofício nº: 28/97

Data: Mogi das Cruzes, 27 de Dezembro de 1997.

Excelentíssimo Sr. Prof. Humberto Del Maestro.

Através deste vimos informar a V. Excia. que a Sociedade de Cultura Latina do Brasil, sociedade cultural filantrópica nacional, promoveu neste ano, o Concurso "Os Melhores de 1997", tendo sido eleito o POETA DO ANO DE 1997.

Desde já contamos com a presença do ilustre laureado na Cerimônia Oficial de Premiação que dar-se-á no dia 18 de abril de 1998, em local a ser determinado.

Solicitamos a gentileza no sentido de confirmar a presença no referido evento. Sem mais, parabenizamos V. Excia.

Cordialmente,

Profª Maria Aparecida de Mello Calandra I. W.A.
Presidente da Soc. de Cultura Latina do Brasil.



Endereço Para Correspondência: Caixa Posta 546, - Mogi das Cruzes-SP, CEP 08 701 - 970a

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO PROGRAMAÇÃO PARA O PRIMEIRO SEMESTRE DE 1998

CERIMONIAL: Todas as quartas-feiras, às 16 horas a partir de 4 de março e até 17 de junho haverá reuniões da Diretoria, abertas aos sócios, para assuntos administrativos e pequenas comunicações históricas ou culturais.

Nos dias em que houver palestras ou outras atividades abaixo-programadas, as sessões da diretoria só deliberarão sobre assuntos urgentes, sendo que as palestras começarão às 16:30 horas.

O comparecimento dos sócios é condição indispensável ao crescimento da Casa do Espírito Santo.

ATIVIDADES CIENTÍFICAS, DE INFORMAÇÕES E SOLENIDADES

MARÇO

18 - Palestra de José Tristão Fernandes sobre o Cacau no Espírito Santo e homenagem a Serafim Derenzi pelo centenário de nascimento.

ABRIL

08 - Lançamentos

15 - Palestra de José Hygino de Oliveira sobre o problema do menor.

29 - Palestra de Ormando Moraes sobre Portos da minha infância.

MAIO

06 - Palestra do Des. Sebastião Teixeira Sobreira sobre o Terceiro Poder.

13 - Palestra de Hegner Araújo sobre Geo-História, Geo-Política e Globalização

20 - Assembléia Geral Ordinária para relatório da Diretoria, prestação de contas, eleição de novos sócios e assuntos gerais.

27 - Palestra de Mário Bonzano sobre Histórias que a História não conta.

JUNHO

03 - Palestra de Luiz Fernando Derenzi Vivacqua e equipe sobre "A evolução do fabrico artesanal da cachaça, no Espírito Santo, e suas perspectivas no mercado internacional".

10 - Sessão solene em Homenagem a Domingos José Martins e aos consócios falecidos.

Posse de novos sócios. Lançamento da Revista nº 50.

17 - Seminário: Centenários - Garcia Lorca, Ribeiro Couto, Cruz e Souza.

24 - Almoço, mediante adesão, de confraternização e encerramento das atividades do 1º semestre.